

## O PB E AS CONSTRUÇÕES COM SE NO SÉCULO XIX

Elaine Alves Santos MELO\*

*ABSTRACT: In this paper we present empirical evidence that allows us to state that the so-called passive SE constructions are in fact indefinite/impersonal constructions. In order to do so, we compare the position of the internal argument of these “passive-SE” constructions with the subject of analytical passive and reflexive-SE constructions in texts written by Brazilian authors during the 19<sup>th</sup> century.*

*KEYWORDS: Word Order; SE constructions; historical linguistics of Portuguese..*

### 1. Introdução

A gramática tradicional lista três tipos de construções com “se”: a reflexiva, a indeterminada e a passiva sintética. Neste trabalho, preocupo-me em observar as estruturas acima, exceto as indeterminadas, e ainda as passivas analíticas e adjetivas. Para tanto, farei um breve comentário sobre tais construções no português. Observe os exemplos abaixo:

- 1) A menina [**lavou-se**]
- 2) [**Precisa-se**] de dinheiro
- 3) [**Vendem-se**] casas
- 4) [**Nada-se**] bem
- 5) A bola [**foi levada**] pela criança
- 6) e só o Rey [**fica defraudado**] na Real (Manuel da Costa- A arte de furto, 1601).

Em 1, ocorre uma construção reflexiva em que a função de sujeito é exercida pelo argumento externo “a menina” que recebeu caso nominativo, como se trata de um tipo de sentença que, prototipicamente, ocorre com verbo transitivo direto, segundo Duarte 2003, é possível afirmar que o “se” é o argumento interno da sentença, tendo recebido caso acusativo. Já 2 e 4, apresentam, respectivamente, um verbo transitivo que seleciona um complemento relativo na posição de argumento interno e na outra um “se” e um verbo inergativo, capaz de selecionar apenas um argumento externo. Ou seja, o “se” dessas construções recebe, ao contrário das reflexivas, caso nominativo, e, portanto, exerce nelas a função de sujeito da oração, sendo sempre um argumento externo.

A sentença em 3 é uma construção, tradicionalmente, classificada como passiva sintética. Ou seja, o argumento interno “casas” recebe caso nominativo do seu predador um verbo transitivo direto e, desta forma, exerce a função de sujeito na oração. Nestes casos, o “se” é classificado como uma partícula apassivadora. Já 5 e 6, são exemplos, respectivamente, de passiva analítica e passiva adjetiva. No primeiro, há o particípio passado de um verbo transitivo direto, precedido pelo verbo auxiliar “ser”. O argumento interno, “a bola”, recebe caso nominativo, exercendo assim a função de sujeito, enquanto o externo é um argumento preposicionado. Em 6, há novamente, uma construção com a forma nominal particípio seguida de um verbo copulativo distinto de “ser” e como na analítica é o argumento interno

---

\* Aluna de mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

que recebe caso nominativo. Uma das diferenças entre esses tipos de sentenças está na interpretação, segundo Duarte (2003), as passivas analíticas focalizam a transição sofrida, enquanto que as adjetivas focalizam o estado resultante da transição sofrida.

A partir das representações acima é possível indagar-se qual a posição do dito “se apassivador”. Tal questionamento, é ainda motivo de estudos na lingüística, visto que existem posições teóricas distintas com relação ao seu lugar na estrutura. Em verdade, o que vale ressaltar é que aparentemente em português brasileiro e no europeu construções como 3 não são mais interpretadas na gramática nuclear dos falantes como passivas. Parecem ser construções que passaram por um processo de mudança em que deixou de haver uma construção passiva e passou a existir apenas uma sentença ativa com uma estrutura parecida com 2 e 4, conforme analisam Naro, 1976; Martins, 2003; Cavalcante, 2008, entre outros.

Desta maneira, faz-se necessário um estudo das sentenças a fim de verificar uma possível mudança na estrutura argumental das mesmas. Observando, especificamente, a posição do argumento interno, tradicionalmente analisado como sujeito, pretendo mostrar que é possível afirmar que nas ditas “passivas sintéticas” a estrutura argumental distingue-se das passivas analíticas e aproxima-se das sentenças ativas indeterminadas, com o argumento interno exercendo a função de objeto direto.

## 2 Corpus e Metodologia

O *corpus* é constituído por 34 cartas de leitores publicadas em jornais brasileiros durante o século XIX. Esta amostra constitui parte das *corpora* compartilhadas do projeto Para uma história do Português do Brasil – Rio de Janeiro e encontra-se disponível no site do programa PHPB- RJ - [www.letras.ufrj.br/phpb-rj](http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj). Os dados foram codificados e tratados estatisticamente por meio do programa GOLDBARB-X a fim de que obtivéssemos uma análise qualitativa e quantitativa.

## 3 Pressupostos teóricos

Segundo o modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981; Lightfoot, 1999), para haver uma mudança lingüística é preciso que um parâmetro mude. Consequentemente, fazendo uso das palavras de Galves (1998), quando muda um parâmetro, nasce uma nova língua. Essa evidência de parâmetros distintos é vista quando a dois enunciados superficialmente idênticos o falante atribui significados e estruturas diferentes.

Essa mudança lingüística ocorre na fase de aquisição da linguagem e por isso num curto período de tempo que se estende do nascimento até mais ou menos os 6 ou 7 anos de idade. É evidente que algumas marcas lingüísticas são aprendidas num período pós aquisição, mas não integrarão a gramática nuclear do falante, ou seja, aquilo que a criança aprende na escola que não faz parte da gramática internalizada durante o período de aquisição formará o que Chomsky (1986) chama de uma gramática periférica que será acessada pelo falante nos momentos que lhe for útil.

A linguagem é considerada uma propriedade inata dos seres humanos.

“Dizer que a “linguagem não é inata”, é dizer que não há nenhuma diferença entre minha neta, uma pedra e uma lebre. Em outras palavras, se você pega uma pedra, uma lebre e a minha neta e as coloca numa comunidade em que se fala inglês, as três vão

aprender inglês. (...) Dizer que a “linguagem é inata” é expressar a crença de que alguma natureza interna crucial e pertinente diferencia a minha neta de pedras, abelhas, gatos e chimpanzés. Queremos descobrir o que é essa natureza interna.” (Noam Chomsky, 1996).

#### 4 Objetivos e hipóteses

Desde os trabalhos de Tarallo (1993) e Kato e Tarallo (1989), tem-se afirmado que o português brasileiro está tornando-se uma língua de ordem SV rígida, principalmente no que tange às construções ativas. Com relação a aspectos diacrônicos, no Português Europeu também ocorre uma mudança que envolve a posição do sujeito: Paixão de Sousa (2004) mostra que no Português Clássico (séculos XVI e XVII) não há uma posição pré-verbal específica para o sujeito, mas sim sua posição canônica é pós-verbal. A mudança ocorre, segundo Paixão de Sousa, a partir do século XVIII. Em Melo (2009), analisei a posição do sujeito em sentenças passivas analíticas com base em um *corpus* diacrônico (séculos XVI a XIX) e mostrei que mesmo quando se trata de um sujeito argumento interno, ao longo do tempo, ocorre a mesma mudança que Paixão de Sousa observa para as construções ativas.

Desta forma é possível refletindo sobre a ordem do sujeito nas construções do português levantar questões sobre a ordem nas construções com “SE”. Dentre elas temos certeza, de que o sujeito das reflexivas, um argumento externo, ocupa preferencialmente, a posição à direita do predicador, bem como ocorre nas passivas analíticas. Então as perguntas que motivam este trabalho estão relacionadas ao padrão de ordenamento do sujeito no português brasileiro:

- 1) só existe no PB o “se” reflexivo e o indefinido, ou seja, uma estrutura que é ativa?
- 2) o que seriam as construções com “se” com concordância entre o verbo transitivo e o seu argumento?
- 3) pode-se relacionar o padrão de comportamento das sentenças com *se* com a posição do sujeito, em sentenças do PB?

A hipótese deste trabalho é a de que no PB as ditas construções passivas sintéticas são ativas. Por isso, o argumento interno é analisado como objeto direto. Como a gramática não gera sentenças com objeto direto anteposto, exceto nos casos de topicalização, este fica sempre à esquerda do predicador e cabe ao sujeito ocupar a posição à direita do mesmo, conforme ocorre nas passivas analíticas e nas sentenças com “se” reflexivo.

#### 5 Análise dos dados.

Foram analisados 116 dados entre passivas sintéticas, construções reflexivas, passivas analíticas e adjetivas. As últimas foram reunidas num único grupo baseado em Melo (2009). Observe a tabela retirada de Melo (2009:8)

Tabela I: Ordem SV por tipo de passiva no Corpus Tycho Brahe (Melo, 2009:8)

Tipo de passiva	N/T	%
Analítica	264/418	63%
Adjetiva	223/364	61%
Total	487/782	62%

A partir da Tabela 1, podemos perceber que o padrão de ordenamento do sujeito em ambas as estruturas é muito parecido, pois há uma pequena variação de apenas 2 pontos percentuais em relação a preferência pela ordem SV. Ou seja, a partir de uma diferença mínima optei, em 2009, por reuni-las em um único grupo que posso chamar de passivas com verbos auxiliares. Assim, neste trabalho, farei uso da mesma estratégia, considerando para isto os resultados acima mencionados.

Foram encontrados dados com argumentos nulos, antepostos, pospostos e relativizados. Entretanto, por ser esta uma análise do padrão de ordem do argumento externo, no caso dos reflexivos, e interno nas passivas, não é possível levar em conta os exemplos com o argumento relativizado, portanto, estes foram descartados e já não constam no número de dados iniciais apresentados, ou seja, 116.

### 5.1 A posição do argumento ao longo do tempo.

Por hipótese era esperado que no século XIX houvesse nos dados produzidos por falantes brasileiros um maior índice de ordem SV, visto ser este um território colonizado por portugueses que, portanto, trouxeram para cá os parâmetros fixados no português europeu e antes dele no clássico. Esta pequena recordação da história de colonização do Brasil é necessária para explicar a primeira frase deste parágrafo.

No português clássico, Paixão de Sousa (2004) afirma que prevalecia uma gramática de ordem VS que é deixada de lado na passagem do século XVII para o XVIII em detrimento de uma gramática de ordem SV. Ou seja, no território brasileiro, colônia portuguesa, as crianças do século XVIII ao nascerem eram expostas a inputs de duas gramáticas distintas e tinham que fixar seus parâmetros. É em meio a essa convergência de inputs de gramáticas distintas que surge, segundo Tarallo (1993), na passagem do século XIX para o XX uma gramática do português brasileiro. Segundo alguns autores, já no século XIX é possível encontrar marcas desta.

“E lembremos que a queda do padrão de VS dos séculos 16 e 17 (0,18 a 0,20) para o padrão dos séculos seguintes (0,08 a 0,09) é concomitante a um aumento na proporção de SV ( Paixão de Sousa, 2004: 156).”

A partir de tal constatação vou tentar demonstrar qual o padrão de ordenamento dessas sentenças em cartas de leitores do século XIX. Observe o gráfico I:

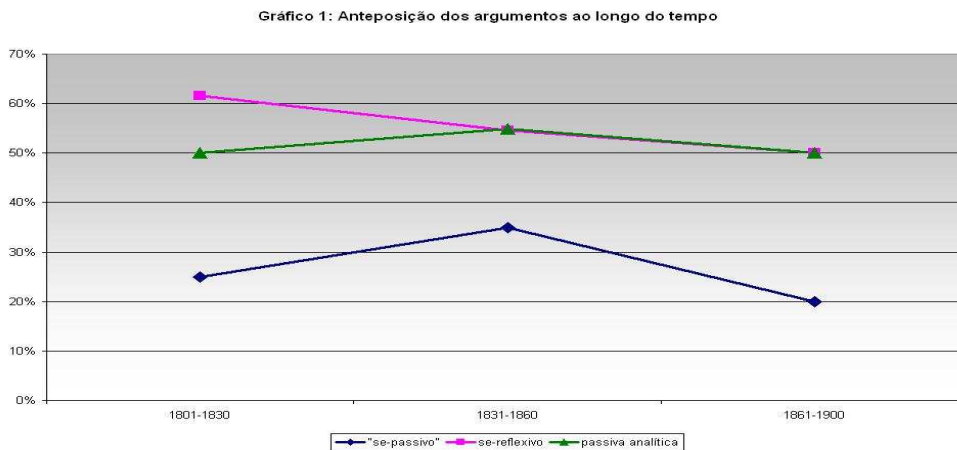


Gráfico I: Anteposição dos argumentos ao longo do tempo

A leitura do gráfico I mostra que a dita construção passiva sintética comporta-se de maneira completamente distinta do padrão observado nas passivas analíticas e nas construções reflexivas. A grande questão que se impõe a partir da observação deste gráfico e dos demais que, posteriormente, serão apresentados é que se existem dois tipos de passivas o comportamento estrutural não deveria ser ao menos parecido? Não é o que este gráfico nos mostra. A linha referente à passiva analítica apresenta uma curva muito semelhante às construções reflexivas, ambas chegam a convergir de tão similar que é o padrão de ordenamento dos argumentos, ainda que nas reflexivas seja ele um argumento externo e nas passivas um interno.

Observe alguns exemplos de sentenças com o sujeito anteposto

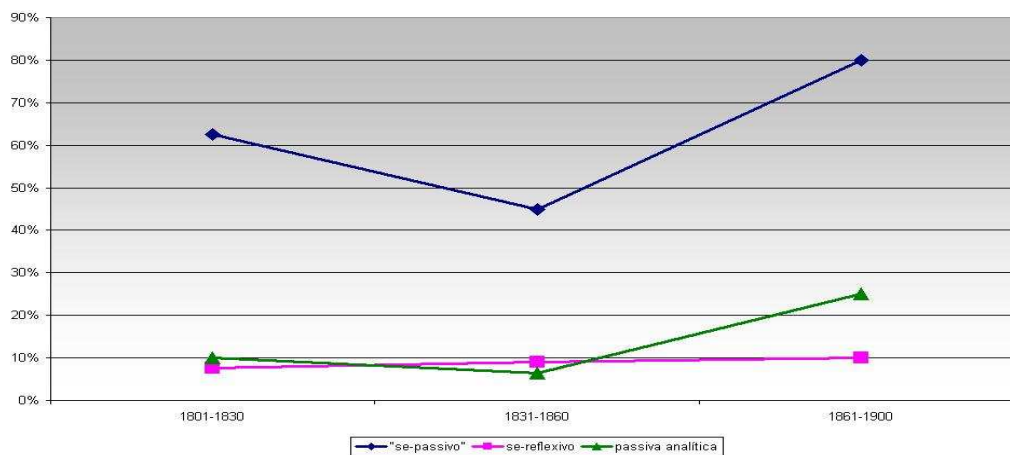
- 7) Não consta que o Sr. Hollanda [**se tenha**] em ocasião alguma deixado governar por outrem em qualquer dos Empregos, que e liberal ama tão bem a Constituição sem fanatismo, ou superstição. (*Cartas de Leitores – O Cidadão*)
- 8) a ferida [**deve ser reunida**] por 1 a. intensão. É o que me tem ensinado a longa prática, é isto o que tenho lido nos autores. ( *Cartas de Leitores - Gazeta Médica do Rio de Janeiro*)

Em 7, a anteposição já é esperada por ser esta uma sentença em que o sujeito ocupa a posição de argumento externo. Entretanto, a sentença em 8 é uma passiva analítica e por isso seu argumento interno é o sujeito. Ou seja, independente do tipo de argumento que recebe caso nominativo este tende no português europeu, conforme mostram Paixão de Sousa (2004), Cavalcante e Paixão de Sousa (2009), Melo (2009) Melo e Lennertz (2009) se superficializar à esquerda do predador.

Assim sendo, este gráfico confirma que nos dados apresentados a ordem SV é preferencial nas sentenças reflexivas e analíticas. Um comportamento que confirma os resultados de Paixão de Sousa (2004) com relação as sentenças ativas Cavalcante (2006) que tratou das sentenças infinitivas com “se” e ainda de Melo (2009), e Jerke (2009). Em todos os trabalhos mencionados a diferença reside no fato de terem como *corpora* textos do português europeu, reunidos no Corpus Tycho Brahe. Melo e Lennertz (2009) a partir de um trabalho comparativo entre PB e PE mostram que no PB o padrão de ordenamento do sujeito é o mesmo que o verificado em português europeu.

Entretanto, se for considerada a construção passiva sintética, este parecerá ser o único caso em que a ordem no português ainda era VS. Conforme, mostrará o próximo gráfico. Observe-o:

Gráfico 2: Distribuição dos argumentos pospostos ao longo do tempo



**Gráfico II: Distribuição dos argumentos pospostos ao longo do tempo**

No gráfico II, o comportamento torna-se o contrário. É a passiva sintética que passa a ter os índices mais altos, chegando a ter no último período considerado um índice de posposição de 80%, enquanto que nas outras sentenças a posposição pouco ultrapassa 20%. Este gráfico, nos revela que mesmo que pequena há uma variação percentual entre as reflexivas e as analíticas com relação ao fator em análise. É a passiva analítica que atinge o índice um pouco maior de 20%. Tal padrão não é inesperado, visto que a passiva é uma estrutura em que o sujeito é o argumento interno. Desta forma, pode-se explicar a variação obtida por meio do tipo de argumento ao qual o predicador transmite o caso nominativo.

Em outras palavras, uma estrutura ativa apresentar um padrão SV é natural, visto a disposição dos seus argumentos e os casos que os mesmos recebem do predicador na sentença. Entretanto, uma sentença passiva apresentar esta mesma ordem canônica requer da língua uma mudança encaixada, ou seja, primeiro processou-se a mudança na ativa para que depois passasse as demais sentenças da língua em que quem recebe caso nominativo é o argumento interno, logo, os casos de ergativos e de passivas.

“Os lingüistas naturalmente desconfiam de qualquer explicação da mudança que deixe de mostrar a influência do ambiente estrutural sobre o traço em questão: é razoável presumir que o aspecto está encaixado numa matriz lingüística que muda com ele.” (WLH, 2006).

Observe alguns exemplos de sentenças com verbos transitivos diretos e argumento interno pospostos.

- 9) o Jornal foi provocado; nas palavras cuja explicação se pede, nem ha calúnia nem injúria; não damos outra explicação.- Instei por intervenção do meu advogado, que não estando saptisfeito o quesito para que [fôra feita] a intimação, pois que não estava de clarado si se afirmava, que dobrando me eu á vontade de alguém tinha estabelecido o preço do café em mais do que devia, necessario era uma resposta terminante n'este sentido (*Carta de Leitores – Diário do Rio de Janeiro*)
- 10) Custa realmente a crêr que n'uma cidade como esta a[se practiquem] actos que são nodoas, que mesclam os autores de tão nefandos attentados; homem sem sentimentos, emfim homens, que mancham a mais nobre das classes: o povo. (*Carta de leitores - O Lazarista*)

II) Quem entrar nos miseros cubiculos, em que [se acouta] o operario, ahi pode avaliar ate que ponto tem chegado a incuria dos governos do paiz. Muitos dirão que os governos não são culpados de que o operario vivia bem ou mal; porem ninguem, absolutamente ninguem, é mais responsavel. (*Carta de leitores - Jornal de Notícias*)

Os três exemplos acima evidenciam construções em que prototipicamente o argumento externo nas reflexivas, caso de 11, e interno nas passivas analíticas, caso de 9, são superficializados à esquerda do predicador. Entretanto, tais dados não são robustos, apesar de possíveis na língua. O exemplo em 10 é um caso de verbo transitivo direto seguido se partícula “se” com concordância entre o argumento interno “actos” e seu predicador. Tal contexto, favorece a anteposição do argumento, logo, se esta fosse uma sentença em que “actos” estivesse exercendo a função de sujeito, a tendência geral da português era antepor este argumento, marcando dessa forma a ordem canônica da língua.

Novamente, não é percebido um comportamento similar entre os dois tipos de passivas assim considerados pela gramática tradicional, o que permite novamente a indagação se realmente são esses dois tipos de sentenças passivas. Será que basta o critério da concordância para dizer que uma estrutura com verbo transitivo direto e mais um “se” é uma passiva? Proponho que não.

Acredito que o português tem uma ordem canônica rígida que se superficializa na forma de SVO. Esta pode ser alterada por fatores como, por exemplo, o estatuto informacional ou o “peso” do sintagma. Ou seja, a ordem VS estaria restrita a condicionamentos ligados ao discurso e não a critérios sintáticos.

Se nas sentenças tradicionalmente classificadas como passivas sintéticas, o argumento interno que exerce a função de sujeito não está se movendo como os demais sujeitos, inclusive o das passivas analíticas, então este não é um caso de passiva. Seria esta uma construção ativa em que o argumento interno recebe do predicador caso acusativo, com papel temático de tema ou paciente e exerce a função sintática de objeto direto. Deixando, portanto, de ser uma construção passiva e passando a uma estrutura ativa em que o argumento externo é o clítico “se” que recebe caso nominativo do predicador verbal.

Alguns argumentos que corroboram essa afirmação são:

1) Segundo Naro (1976), desde o português arcaico são encontradas construções em que o verbo transitivo direto seguido de forma proclítica ou enclítica de “se” não concorda com o argumento interno. Gerando construções como, “Vende-se casas”. Logo, se estas são construções tão antigas é no mínimo estranho considerá-las um erro de concordância dos falantes que em geral produzem muito mais ela do que a variante com concordância.

2) Segundo Viotti (2010), uma das principais características das passivas é a presença do sintagma agentivo. Entretanto, já no século XVI, as construções com “se” em que o argumento externo preposicionado apareciam eram, segundo Naro (1976), casos agramaticais. Observe alguns exemplos:

a) Como Josep se conheceu pelos irmãos. (séc. XIV, Naro, 1976:789)

b). o mar remoto navegamos, que só dos feos focas se navega (séc. XVI, Naro, 1976:781)

ou seja, se o critério proposto por Viotti (2010) para considerar uma construção passivas é a presença do sintagma agentivo, então tais sentenças não seriam passivas no século XVI, posteriormente, quando passam a não ser mais expressos esses sintagmas, elas assumem as características da voz ativa como em:

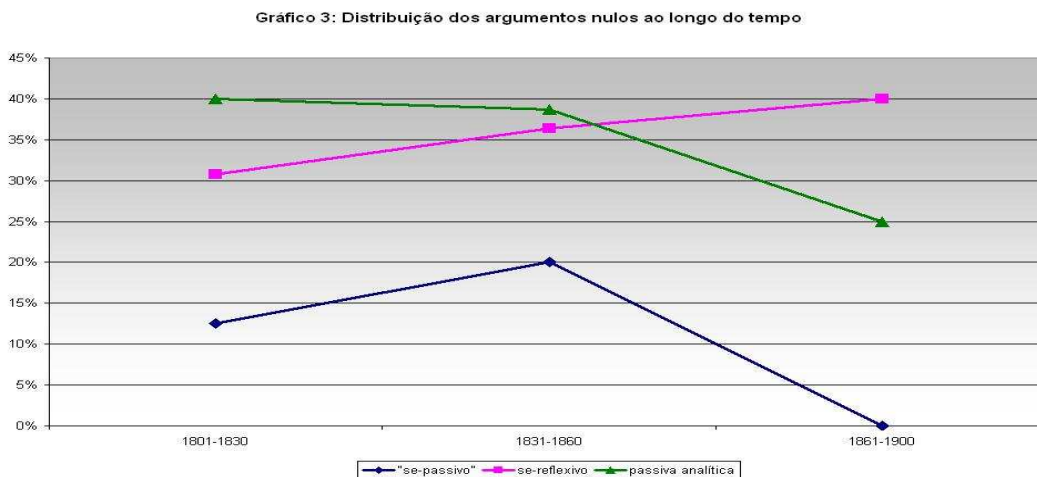
c)& porem se lee este evangelho na festa da trindade (Naro 1976:802)

nestes casos, segundo Raposo e Uriagereka (1996) e Martins (2003) o falante português apenas interpreta as sentenças como ativas, devido justamente a ausência do sintagma preposicionado que marca o papel temático de agente. Mesmo que haja concordância entre o verbo transitivo direto e o argumento interno.

3) se a ordem canônica das sentenças é SVO e essas construções não a obedecem é mais um indício de que estamos diante de um tipo de estrutura que mudou e agora o argumento interno recebe caso acusativo e, por isso, exerce a função de objeto direto. Dessa forma, como ele já é gerado nessa posição a única forma dele se mover para antes do predicador é por um movimento de derivação em que ele atinja a posição de tópico da sentença.

Este trabalho possibilitou verificar ainda que a gramática do português brasileiro que estava sendo formada já apresentava características que a diferenciariam de forma clara daquela adquirida pelos portugueses. Um desses aspectos é sem dúvida a questão do parâmetro do sujeito nulo que está sendo marcado, aparentemente, de forma negativa no português brasileiro. Observando o gráfico III, foi possível perceber que já no século XIX, os índices de não preenchimento do sujeito eram altos, atingido 20% nas analíticas e 40% nas reflexivas.

É a mudança neste parâmetro que gera a mudança na ordem. Vejamos: a queda na produção de sentenças com as marcas de concordância expressas, proporcionou um maior preenchimento da posição de sujeito. Canonicamente, esta era a posição à esquerda do predicador para onde foram os casos mais prototípicos de sujeito e posteriormente as sentenças inacusativas, incluindo neste caso as passivas.



**Gráfico III: Distribuição dos argumentos nulos ao longo do tempo**

É interessante observar neste gráfico que as sentenças passivas sintéticas que classifico como indeterminadas tendem a apresentar o seu argumento interno que é um objeto direto nulo, marcando também outra característica do que viria a se constituir a gramática do português brasileiro, ou seja, um maior preenchimento do sujeito e o menor do complemento verbal.

## 5.2 Os tipos de estruturas que favorecem a anteposição.

Segundo Paixão de Sousa (2004), o estatuto informacional faz com que determinadas estruturas tendam a ficar antepostas ou pospostas por codificarem informações velhas ou novas. As que transmitem novas informações ficam no final da sentença, enquanto que as que trazem uma informação já sabido, prototipicamente, superficializam-se no início das orações. Observe a tabela II.

Tabela 2: Posição do argumento em relação ao tipo de argumento por construção

		SN		Pronome		Indefinido	
"se-passivo"	anteposto	7	29%	0	0%	3	75%
	posposto	17	71%	0	0%	1	25%
	zero	0	0%	5	100%	0	0%
	total	24		5		4	
se-reflexivo	anteposto	14	74%	4	29%	1	100%
	posposto	3	16%	0	0%	0	0%
	zero	2	11%	10	71%	0	0%
	total	19		14		1	
passiva analítica	anteposto	21	88%	2	10%	3	60%
	posposto	3	13%	0	0%	2	40%
	zero	0	0%	18	90%	0	0%
	total	24		20		5	

116

Tabela II: Posição do argumento em relação ao tipo de argumento por construção.

Desta maneira, espera-se que os casos de informações trazidas por pronomes sejam codificadas no começo da oração, por ser este um caso de informação velha. Logo, observando as duas últimas colunas da tabela II, é possível perceber que nesse tipo de estrutura foram encontrados casos de argumento interno anteposto nas ditas construções passivas que já assumi como ativas. Isso evidencia que a anteposição está restrita a contexto muito específicos que possivelmente para um tratamento qualitativo mais acurado devam ser excluídos. Outros contextos favorecedores são a presença de tópicos contrastivos, ou de alguns pronomes relativos como por exemplo o “cujo”. Observe alguns exemplos:

12) Este macaco antes de ser gente já escrevinhava suas obras ;( a fora as de seu officio) isto [se sabe] pela nota do 3 o N.º em que se menciona algumas que deu á luz.(*Carta de leitores - O Papagaio*)

13) Se tal escandalo [se observa] na rua mais frequentada da Corte do Brasil, por onde passeão a nossa aristocracia, as nossas bellas, os nossos fidalgos de chelpa!!! o que não irá pelos outros arrabaldes? Eu lho digo.(*Carta de leitores - Despertador Municipal*)

14) Compareceu um dos redactores do Jornal, o qual depois de contar a seu geito a historia da polemica concluiu:- o Jornal foi provocado; nas palavras cuja explicação [se pede], nem ha calunnia nem injuria; não damos outra explicação.- Instei por intervenção do meu advogado, que não estando saptisfeito o quesito para que fôra feita a intimação, pois que não estava declarado si se afirmava, que dobrando me eu á vontade de alguém tinha estabelecido o preço do café em mais do que devia, necessario era uma resposta terminante n'este sentido; e mandando o juiz que me

fosse respondi- do, a resposta tornou a ser a mesma:- o Jornal foi procurado, e como nem ha calúnia nem injúria, não damos outra alguma explicação.- E por mais que fosse instado o redactor do Jornal, declarou, que nada mais respondia, e com effeito mudo ficou. (*Cartas de Leitores – O Diário do Rio de Janeiro*)

15) Nada [se tem feito] nesse sentido e nem ao menos preparar as cousas de modo a evitar um cataclismo na principal fonte de riqueza do paiz. Tudo se adia, tudo deixa-se para depois, e passa-se o tempo, e as grandes questões do estado ficam cada vez em peiores condições, até que venha a morte fazer impossível todo e qualquer remedio (*Cartas de Leitores - Jornal de Notícias*)

Os exemplos de 12 a 15 mostram sentenças com verbo transitivo direto seguidos de partícula “se” em que o argumento interno se superficializou anteposto, podendo assim ser considerado um sujeito. Entretanto, por serem estes casos em que prototipicamente o argumento é anteposto, então tal afirmação não é valida. Em outras palavras, para dizer que estes argumentos são verdadeiramente sujeitos é preciso que a anteposição ocorra em que contextos que não a favoreceriam, ou mesmo, naqueles em que tanto a anteposição quanto a posposição são esperados.

Três dos exemplos acima, 12 e 15, são casos em que o argumento interno é um pronome indefinido, ou seja, codificam informações velhas. No primeiro, “isto” retoma “Este macaco antes de ser gente já escrevinhava suas obras”; já no segundo, o pronome indefinido “nada” também codifica uma informação velha. Em 13, há um caso de tópico contrastivo uma estrutura que também favorece a anteposição do argumento. Finalmente, em 14, o contexto que favorece é a presença do pronome relativo “cujo”.

Portanto, mostram-se com esses exemplos que a anteposição nesse tipo de estrutura está condicionada a contextos favorecedores. Sendo este mais um argumento para afirmar que as ditas passivas sintéticas não são construções passivas.

Resta ainda responder a uma última pergunta mencionada nos objetivos: o que seriam as construções com verbo transitivo direto + “se” em que há concordância com o argumento interno no plural: segundo Martins (2003), esses são casos de fósseis lingüísticos. Ou seja, raras estruturas que sobreviveram a mudança no sistema lingüístico que levou o português a ser uma língua sem as sentenças passivas sintéticas, ou seja, uma língua que produz apenas as seguintes construções com “se”: a indefinida ( Raposo e Uriagereka, 1996) ou indeterminada e as reflexivas.

## 6.0 Considerações finais.

Os resultados da pesquisa mostram que não há no português brasileiro a construção “passiva sintética”, visto que ao contrário dos sujeitos das passivas analíticas e das sentenças reflexivas que ocupam a posição à direita do predicador, nela o argumento interno que para ser uma passiva deveria receber caso nominativo e como os demais sujeitos passar a uma ordem SV, está mantendo-se à esquerda do predicador, evidenciando, desta forma, que recebe caso acusativo e exerce a função de objeto direto. A construção passiva sintética está sendo interpretada como uma sentença indeterminada em que o “SE” é um índice de indeterminação do sujeito, sendo, portanto um argumento que recebe caso nominativo do predicador e exerce a função de sujeito.

## Referências

- CAVALCANTE, S. R. O. As construções passivas na história do português. In: Rosae - I Congresso Internacional de Linguística Histórica, 2009, Salvador. Rosae - I Congresso Internacional de Linguística Histórica: Programa - Resumos. Feira de Santana : Imprensa Universitária da UEFS, 2009. p. 86-86.
- CAVALCANTE, S. R. O. ; Paixão de Sousa, M. C. . Subject position and SE constructions in the history of Portuguese. Comunicação apresentada no 23<sup>rd</sup> Going Romance Conference. Nice, França. Dezembro de 2009.
- CHOMSKY, N. *O Conhecimento da linguagem: sua natureza, origem e uso*. Lisboa, Caminho, 1994.
- DUARTE, I. “Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras”. In.: Mateus, Maria Helena Mira et alli, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 2003 p 275-320
- GALVES, C. M. C. Ensaio sobre as gramáticas do português. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001
- GALVES, C. M. C. “A Gramática do Português Brasileiro”. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 1, 1998 p. 79-96.
- KROCH, A. Syntactic Change. In: Baltin, Mark and Collins, Chris. *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Blackwell, 2001
- LIGHTFOOT, D. 1999. The development of language: Acquisition, change, and evolution. Malden: Blackwell/ Maryland lectures in language cognition, 2003
- MARTINS, A. M. "Construções com se: Mudança e variação no português europeu". *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, editado por Ivo Castro & Inês Duarte. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 2003 163-178.
- MELO, E. A. S. A posição do sujeito nas passivas analíticas e adjetivas na história do português. In: I Congresso Internacional de Linguística Histórica - Rosae, 2009, Salvador - BA. I Congresso Internacional de Linguística Histórica: Programa - Resumos. Feira de Santana : Imprensa Universitária da UEFS, 2009. p. 174-174.
- RAPOSO, E. ; URIAGEREKA, J. “Indefinite SE”. *Linguistic Inquiry* 14: 749-810.
- RAPOSO, E.P. *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa, Caminho, 1992
- TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In. Kato, Mary e Ian Roberts. *O português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Unicamp, 1993 p. 69-105.
- WEINREICH, U; LABOV, W. ; HERZOG, M. (1968) *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. tradução Marcos Bagno- São Paulo, Parábola Editorial, 2006.